

ANTOLOGIA

A educação do povo

por A. A. Ferreira de Macedo

A Gazeta de Matemática com a publicação da « Conferência que deveria ser lida na Voz do Operário em 5 de Novembro de 1945 » e que não o foi por razões estranhas à vontade do Autor, presta a devida homenagem ao Saudoso Professor, exemplar defensor dos interesses populares do Ensino em Portugal e da integração da Dignidade Humana nos costumes e nos usos do Povo Português.

*Sr. Presidente:
meus senhores:*

Não é a primeira vez que falo nesta casa. Em 1934 tive a honra de fazer, perante os professores primários desta Associação, uma conferência sobre « As tarefas actuais dos professores-educadores. »

É com o maior prazer que me encontro novamente aqui, por motivo de reabertura do Museu do Trabalho. Esta bela iniciativa da *Voz do Operário* constitui um dos mais interessantes e úteis instrumentos da boa cultura popular.

Cumprimentando V. Ex.^a Sr. Presidente, saúde, na sua pessoa, a veneranda Associação que tantos serviços tem prestado, no passado, à causa da educação do povo, e que galhardamente continua as suas nobres tradições nesse sector da vida social.

Meus senhores: Neste momento, não posso alhear o meu espírito do admirável movimento

nacional que se iniciou, acêrca de um mês, com a já célebre reunião do Centro Almirante Reis. Esse movimento é obra das gerações novas, às quais não tenho a felicidade de pertencer. São essas gerações que estão destinadas a realizar a necessária transformação política e social do país. A elas dedico em especial, esta minha palestra.

Não sou político, nunca o fui, nem desejo sê-lo no futuro. ¿ Porquê então colaborar, de certo modo, no referido movimento? Não foi da minha iniciativa o vir aqui falar-vos, e se me chamaram suponho que o fizeram por duas razões.

Primeiro, porque sabem que durante toda a minha vida me tem profundamente interessado os problemas da educação — que reputo os mais importantes de todos os problemas humanos. Segundo, porque sabem que a minha voz é livre, que sempre o foi e será, livre de temores e de preconceitos, livre de vaidades e de ambições. Está no meu feitio dizer sempre aquilo que me parece justo e verdadeiro, agrada ou desagrade aos meus amigos e aos meus inimigos. É nestas condições que acorro à chamada, que me tendes aqui para vos expor as minhas opiniões sobre educação, e recordar aos homens novos que me escutam, e que amanhã (ou depois de amanhã) hão-de fatalmente vir a governar a nação, algumas verdades essenciais que não devem nunca perder de vista. A minha posição é clara e inflexível. Sou um observador isolado. Não pertença a nenhum grupo

político; não sigo nenhuma ideologia sistemática fechada. As minhas idéias, ou boas ou más, teem sobretudo uma virtude que reivindicoo: são sinceras e desinteressadas. Eu vo-las entrego cãndidamente. Fazei delas o que quiserdes. A minha fé nelas tem por fundamento muito estudo e reflexão. Sei que são as idéias do futuro, ainda que a muitos possam parecer ou fantasistas ou ingénuas.

Vou falar-vos de educação e de ensino; mas não me demorarei em examinar e criticar o que o Estado Novo tem feito nesse sector. Tampouco me referirei ao que a República fêz ou não fêz, antes do advento da actual situação política.

Esse trabalho de crítica e de história, aliás absolutamente necessário, será feito mais tarde.

Também não tratarei do ensino infantil, nem do primário, nem do secundário, nem do superior, nem do ensino técnico. Todos êsses sectores do ensino público precisam de ser revistos, totalmente reorganizados à luz de novos ideais, e dotados de um novo espirito.

O que, neste momento, mais me preocupa, a mim pessoalmente como cidadão, e que por isso tratarei em especial nesta conferência é o problema da educação do povo.

Antes de mais nada, para que nos entendamos bem, sem confusões nem equívocos, preciso explicar-vos o que entendo por *povo* e o que entendo por *educação*.

Vivemos numa época de confusões e sofismas, em que se explora, conciente ou inconcientemente, o prestígio de certas idéias, usando as palavras que as representam para disfarçar idéias totalmente diferentes ou opostas. Assim vemos dizerem-se *democratas*, pessoas que provam com os seus actos que o não são. Vemos invocar a *justiça* quem, na sua vida, e no íntimo da sua consciência, está longe de ser justo. Vemos apregoar o *espirito cristão* quem atraiçoa a cada passo a verdadeira doutrina de Cristo.

A formidável transformação social que se está operando em todo o mundo obriga os homens a defenderem essas e outras idéias, mas muitos o fazem só por imitação ou interesse, sem que na sua consciência exista uma *adesão* clara e sincera ao que essas idéias verdadeiramente significam.

A educação do povo é uma dessas idéias que constantemente são sofismadas e atraícoadas. Já veremos como e porquê.

Quando se diz educação do povo, um grande número de pessoas pensa logo nos operários, nos humildes trabalhadores manuais. Pensa-se que são êsses que mais precisam de educação, e muitas pessoas sentir-se-iam diminuídas e humilhadas se as incluíssem na categoria do povo, confundindo-as com os míseros operários.

Os que se consideram fora e acima do povo, formam duas vastas categorias de pessoas. Uma é a de certos doutores e outros intelectuais, indivíduos que teem um curso superior, ou qualquer talento especial como escritores ou artistas. Julgam-se perfeitamente educados, com privilégios especiais, fundados na sua inteligência, no seu saber, ou na sua arte. Outra categoria de pessoas que não concebem sequer que as confundam com a gente do povo, é a dos que se encontram bem instalados na vida; que gozam dos bens materiais que adquiriram pelo seu esforço, ou pela exploração hábil do trabalho alheio, ou herdaram dos seus maiores; que teem ou aparentam um verniz especial a que chamam a educação da boa-sociedade. É claro que, dentro destes dois grandes grupos, que acabo de indicar a traços largos, há ainda um número enorme de castas que se hierarquizam a si próprios, pelas suas ridículas vaidades e pretensões.

Ora, a meu ver, e por razões que adiante se verão, nem uns nem outros dos indivíduos dessas classes devem ser considerados educados, nem fora da categoria do povo. Êles são, a maior parte das vezes, tão ignorantes como os próprios analfabetos, e, moralmente,

são quasi sempre inferiores a muitos dos mais humildes trabalhadores manuais; são (pelo menos) mutilados morais — por se considerarem com direitos e privilégios superiores ao comum dos mortais.

Para mim, em tudo o que vou dizer sobre educação popular, eu considero *povo* a massa total dos adultos que formam a nação, quer sejam doutores quer sejam analfabetos, quer sejam ricos quer sejam pobres, quer sejam fidalgos quer sejam plebeus. Com raras excepções, todos carecem de verdadeira educação humana.

Mas que é verdadeira educação humana?

É claro que não vou agora, aqui, dissertar academicamente, sobre os vários modos por que se pode conceber a educação. Quere-me parecer, todavia, que podemos todos aceitar que *educação humana* é a preparação, a formação (tanto quanto possível integral) de verdadeiros homens.

E que são verdadeiros homens? Aqui a questão complica-se, pois os tipos ideais humanos são diversos e numerosos.

Se educar os homens é actuar sobre eles no sentido de um determinado ideal, onde ir buscar esse ideal? Como escolhê-lo? Que critério seguir na sua escolha? Em que apoiá-lo? Como justificá-lo? E somos nós livres de escolher um determinado ideal humano? E temos nós a certeza de possibilidade de realizar esse ideal?

Nesta altura das nossas reflexões, uma observação se impõe irresistivelmente ao nosso espirito. É que não podemos formular arbitrariamente os nossos ideais, ao sabor apenas da nossa fantasia e dos nossos desejos. Temos de auscultar a vida e o mundo à volta de nós, e dentro de nós mesmos. Uma escolha arbitraria do ideal humano seria vã e estéril. A natureza inteira, na sua transformação incessante, segue um caminho. A sociedade humana evolue num certo sentido. Há que descobrir esse sentido, ter dêle cons-

ciência plena, e respeitá-lo. Não se domina a Natureza senão obdecendo-lhe. Só collocando-nos no verdadeiro caminho, seguido pelo desenvolvimento do mundo, poderemos acompanhá-lo.

Ora, precisamente no actual momento, passa-se no mundo qualquer coisa que talvez se possa considerar a maior crise de tóda a história de civilização humana. Depois de uma imensa tragédia, de horrores e sofrimentos (que infelizmente para muitos milhões ainda não terminaram), os homens voltaram a sentir, no seu coração, tão maravilhosas esperanças, como jamais talvez tivessem sentido. Uma luz clara de aurora enche o nosso espirito, e nos assegura que a ascensão incessante da espécie humana para uma nobreza e dignidade morais, cada vez maiores, não se interrompeu definitivamente, e vai continuar.

Quais são, meus srs., as características da nossa libertação actual?

Eu creio que podemos dizer que a mais essencial de tódas é o triunfo da justiça.

Entre as nações, procura-se ansiosamente um equilibrio e uma harmonia que sejam justas. Dentro de cada nação, igualmente, é a justiça que tem norteado ou vai nortear, necessariamente, os novos arranjos e harmonias sociais.

Não é aqui o lugar, nem agora o momento, de analisar devidamente o conceito actual, essencialmente humano e social, de justiça. Esse conceito tem evolucionado no decurso da longa história da razão e da consciência humanas; mas atingiu hoje um enriquecimento, um conteúdo através do qual se enraiza e prende com o que há de mais puro e nobre na nossa alma.

Dizer justiça, hoje, é dizer moralidade, é dizer respeito absoluto e sagrado pela personalidade humana, é dizer sincero amor, é dizer fraternidade humana.

Os vastos sentimentos e instintos que movem os homens, deram-se batalha (que de

resto continua), mas a vitória dos mais nobres e puros sentimentos está assegurada.

O ideal humano do novo mundo que se aproxima é, pois, aquêle em que predominam êsses sentimentos morais vitoriosos.

Demoremo-nos um pouco neste ponto. Vejamos, mais atentamente, como se chocam e actuam, na sociedade actual, os sentimentos e os instintos humanos.

Se procurarmos descobrir os móveis íntimos da conduta dos homens que melhor conhecemos à volta de nós, ou que mais se destacam publicamente nos vários sectores da sociedade, pela sua interferência na literatura na política, no comércio, na indústria, na banca, etc., que vemos nós? Que ideais lhes descobrimos? Que concepção, da vida e da humanidade harmonizam a sua vida individual e social? — Êste exercício de análise crítica, à moralidade dos homens que nos cercam, é do mais alto valor para o esclarecimento do nosso espírito e orientação da nossa própria moralidade. — O que facilmente constataremos, se fizermos esta análise crítica, é que, na sua grande maioria, êsses homens são sobretudo dominados e guiados pelo *interesse material*, pela *ambição* e pela *vaidade*. Lutam pelo dinheiro, que lhes dá o poder, influência, e a capacidade de gozarem, muitas vezes com desprezo absoluto pelos interesses e pela felicidade dos outros. Dizem-se espiritualistas: são quasi sempre bons cristãos, respeitam e até auxiliam a Igreja. Mas, hipócritamente, por manha, por interesse ou por snobismo. Coisa estranha! muitos dêsses homens são, na sua vida particular, bons pais e bons chefes de família; mas socialmente cometem verdadeiros crimes, de que não teem consciência, ou que não lhes pesa na consciência. A maior parte dêsses homens, mesmo quando especializados em certos sectores da cultura, são de uma ignorância completa no que respeita à evolução geral da vida e do mundo. Não sentem, não compreendem o movimento

universal que os arrasta. São cépticos, e a sua surpresa é profunda quando certos factos os abrangem e os superam.

Ê nas lutas políticas, mais talvez do que nas lutas económicas, que esta falta dos sentimentos de justiça e de verdadeira fraternidade humana, se manifesta com mais evidência e frequência. A mentira, a deslealdade, a intolerância, o espírito de violência e de opressão são constantes.

Não se vejam, nestas palavras, exortações subversivas. Mais, muito mais do que isto, tem sido dito e repetido por altas figuras da Igreja, e por destacadas personalidades mundiais da política burguesa.

Isto não passa duma rápida indicação de verdades que tōda a gente conhece. Sou, por temperamento e por princípio moral, contrário a tōda a espécie de violência mas entendo que não é possível exterminar o mal, emendar o que está errado, sem tratar de saber perfeitamente qual é o erro, onde é que êle está, e proclamá-lo.

Ê claro que o defeito dos homens são gerais; o barro humano é um só. Por isso, os pobres, os humildes, os trabalhadores manuais, sofrem também, muitas vezes, das mesmas taras morais que os soberbos e os poderosos. Mas há uma diferença fundamental a notar. Ê que uma grande parte dos defeitos morais dos oprimidos proveem da própria opressão. Como não compreender que um infeliz, que não ganha para sustentar-se e à sua família, possa ter sentimentos de ódio e de revolta? Que direito temos de exigir aos humildes que sejam bons, se lhes não ensinamos a bondade, e os conservamos na escravidão material e moral?

Eu sei que para sermos inteiramente lógicos, o mesmo poderemos dizer dos defeitos morais dos opressores. Não é sua a culpa; são assim feitos, não podem fugir ao seu destino. Também ninguém lhes ensinou a bondade antes pelo contrário, o sistema em que estão

metidos os arrasta necessariamente a serem como são.

Em face de tais erros morais, bem como em face das injustas desigualdades económicas, certas inteligências fáceis alcançam uma sossegada e cómoda satisfação pensando que tudo são *fatalidades* inelutáveis da natureza das coisas, que não podemos deixar de aceitar com resignação. Ora é, precisamente, esta atitude que nós não aceitamos. Consideramos falso, redondamente falso, que o destino humano seja o mal moral e a miséria económica. Anima-nos a fé profunda no progresso moral da espécie. Consideramos o ódio (que tem acompanhado permanentemente as relações humanas) como uma tara, uma doença, que há-de desaparecer como hão-de desaparecer a tuberculose, a sífilis e outros cancros sociais.

Disse, há pouco, que a solução da crise actual da civilização vai dar-nos o triunfo da justiça e esse é precisamente, quere-me parecer, o princípio fundamental que tem de informar o *ideal humano* da nova era em que vamos entrar.

No decurso da história, vários tem sido os ideais dominantes] Não é aqui o lugar de recordar e descrever, por exemplo, os belos ideais da civilização helénica clássica, o ideal da Idade Média, o ideal do Renascimento. Convém, todavia, reconhecer que o ideal da civilização da nova era, que podemos, suponho, chamar *humanismo integral*, contém em si tudo o que de mais nobre e elevado se encontra nos ideais das épocas passadas. E convém, acima de tudo, destacar, fortemente, o papel especial que neste ideal desempenha a *Ciência contemporânea*. A ciência está destinada a constituir o apoio mais sólido, o auxiliar mais valioso da nova vida humana.

O valor da Ciência pode ser encarado sob diversos pontos de vista, todos de grande importância. Mas, na verdade, só um desses aspectos, tem impressionado ou interessado

as multidões e os homens de cultura limitada. E' o aspecto da *aplicação técnica*.

As mais variadas realizações da ciência aplicada, das quais a mais recente e sensacional é a bomba atómica, são geralmente conhecidas e convenceram rapidamente toda a gente de que a ciência é apenas um extraordinário instrumento de poder e de domínio da natureza, que tanto pode ser utilizado para o bem como para o mal.

Mas, é falso, é redondamente falso, que a Ciência seja isto apenas!

Poderia falar-vos do valor estético da Ciência, pois, sob esse ponto de vista, a Ciência pode ser comparada, pelas profundas emoções de beleza que é capaz de provocar, às mais perfeitas realizações da Poesia e da Música e de todas as Artes Plásticas.

Mas quero, sobretudo, invocar, neste momento, o valor moral e filosófico da Ciência, pois é, principalmente, nessa qualidade que eu digo ser a Ciência o mais sólido apoio do novo ideal humano.

E' certo que a Ciência não resolveu determinados problemas que a Razão humana tem pôsto a si própria, no decurso da sua longa história. A Ciência não resolveu, por exemplo, os problemas da origem e criação da vida, da natureza íntima da matéria e do espírito. Sim, a Ciência não resolveu esses e outros grandes problemas que tem perturbado e continuam a perturbar muitas consciências ansiosas. A Ciência também não resolveu, ainda, uma infinidade de outros problemas, que aparentemente são de menor categoria; por exemplo, porque é que o açúcar é doce, porque é vermelho o cobre e amarelo o ouro, porque é que certos verões são secos e outros húmidos, qual é a causa do cancro, etc., etc., etc.

Sim! As limitações actuais da Ciência são imensas. Mas que formidável, que profundo erro concluir daí a falência da Ciência!

Em primeiro lugar, a verdade é que é preciso não exigir da Ciência aquilo que ela não pode dar. E' insensato acusar a Ciência de

que nos enganou ou iludiu; ela só nos engana ou ilude se a interrogamos mal.

Certos problemas, a Ciência não os resolveu por que é impossível a sua resolução humana, porque é *absurdo mesmo* conceber a sua completa resolução. Outros problemas, verificou-se que teem sido mal postos, são pseudo-problemas. E, finalmente, a grande maioria dos problemas não resolvidos, estão simplesmente à espera da sua vez, sendo mesmo certa a sua solução futura.

Preguntai, por exemplo, ao primeiro médico que encontrardes, se êle crê ou não na descoberta futura da cura do cancro. Não haverá, creio, um só, que não vos diga que tem a certeza disso, num futuro mais ou menos próximo, pelo menos tanta certeza como a de que o sol nascerá amanhã.

Sabem todos certamente que, para quem conhecia alguma coisa da maravilhosa evolução da Física moderna, não foi surpresa alguma a descoberta dos meios práticos de libertar a imensa energia concentrada nos núcleos dos átomos, energia que o génio de Einstein permitira calcular abstractamente já há muitos anos.

Seriam precisas muitas horas para expor, resumidamente, os benefícios imensos da Ciência, mesmo que considerassem apenas as suas applicações práticas ou técnicas.

Mas, como disse há pouco, desejo sobretudo precisar, neste momento, o valor moral e filosófico da ciência.

É preciso ser extraordinariamente ignorante, ou sectário de má fé, para não reconhecer a influência profunda e decisiva da Ciência nas nossas concepções gerais do mundo e da vida.

Foi a Ciência que deu aos homens a noção de *lei natural*, talvez a mais bela e a mais importante de tôdas as conquistas de Razão humana.

Foi a Ciência que, alargando a nosso conhecimento da natureza, num âmbito imenso, desde o infinitamente grande até ao infinita-

mente pequeno, e enriquecendo êsse conhecimento não só em extensão como em profundidade, permitiu a nossa libertação de falsas idéias, de vãos terrores, e dos preconceitos de morais barbaras, que durante séculos e séculos sujeitaram a pobre humanidade a abismos de sofrimentos e desolação.

Além disso, *que nobre e magnífica escola de virtudes morais é a Ciência!*

Não são só as aquisições definitivas da Ciência que importam. Há a considerar, sobretudo, *o método, o espirito próprio* da Ciência! É aí, na applicação justa dêsse método, dêsse espirito, que se encontra a melhor escola de *modestia* e de *humildade*, de *calma* e de *paciência*, de *ordem*, de *amor sincero da verdade*, de *escrupuloso respeito da prova*, de *sincera solidariedade* e *cooperação* humanas dentro de cada nação e entre as várias nações, de *coragem* e de *perseverança*, de *orgulho saudável* pelo poder da Razão, de *alegre, entusiástica* e *desinteressada dedicação* por uma causa, etc. etc.

Falta-me o tempo para desenvolver, como eu gostaria de o fazer, êste apaixonante tema que é, aliás, da maior actualidade e necessidade, se atendermos aos sofismas que para aí têm publicado certos intellectuais ôcos e falsos.

Apesar do perigo de más interpretações eu vos digo, que nada como a Ciência, bem entendida e bem sentida (claro está!) — e ela infelizmente é bastante mal entendida por certos dos seus mediocres ou falsos cultores — eu vos digo que nada como a Ciência nos pode levar a uma attitude verdadeiramente religiosa, mas de uma religiosidade de carácter especial, mais pura e sã que a das religiões vulgares.

Os homens de Ciência teem-se até aqui conservado alheios, na sua maioria, aos interesses morais e sociais imediatos dos seus semelhantes. É compreensível êste refúgio nas suas tórres de marfim, dada a necessidade de calma e sossêgo que requer o seu sacerdotício especial.

Mas chegou o momento em que a continuação desta reserva é extremamente perigosa para a civilização, e não é uma das menos importantes características do momento actual a *resolução*, que já se nota em todo o mundo civilizado, de os homens de ciência e os educadores fazerem ouvir a sua voz, quando se trata dos destinos da humanidade.

Todos os espíritos atentos (e livres de preconceitos) reconhecem, agora, que as organizações políticas e sociais (salvo talvez uma excepção) tem até aqui atraído os altos valores da Ciência, que os imensos resultados desta, e os seus benefícios de toda a ordem (técnicos, estéticos, filosóficos e morais) não tem sido postos ao serviço do bem comum, com aquêlê espirito de justiça e sentimentos de fraternidade humana que são apanágios do momento histórico actual.

Chegou o momento de enveredar por novos caminhos. Sabemos que a Terra, cientificamente explorada, tem recursos suficientes para realizar a emancipação económica de todos os homens, para exterminar a miséria, e acabar definitivamente com essa vergonha da civilização, que é haver ainda quem morra de fome.

Sabemos que a Ciência é o mais sólido apoio do ideal; que podemos, utilizando-a, não só promover o aperfeiçoamento biológico do ser humano, mas realizar a ascensão espiritual e a dignificação moral de todos os homens.

Nestas condições a tarefa está indicada: dar à Ciência todas as possibilidades, todas, de provar o seu valor, e exercer a sua acção.

Reparai bem, meus senhores, que eu não digo que toda a Moral humana deve ter ou pode ter por único fundamento a *Ciência*. Essa foi no passado a ilusão de muitos bons espíritos, mas é evidentemente um absurdo. Quando vos digo que a Ciência é uma maravilhosa escola de virtudes morais, tenho no meu espirito uma noção de Moral que é anterior, ou melhor exterior a todas as Religiões.

Sem entrar em desenvolvimentos, impossíveis nesta curta palestra, peço-vos que noteis que há uma tábua de valores morais que se impõe de tal modo a todos os homens são, que ninguém, seja qual for a sua concepção do mundo, digamos a sua filosofia, e sejam quais forem as suas crenças ou descrenças religiosas, pode deixar de as aceitar e considerar como o que há de mais nobre, e puro, e elevado na sua alma. Com efeito, quem há que não respeite e reconheça o valor moral da Justiça, da Verdade, da Lealdade, da Tolerância, do Espírito de Sacrifício, da Coragem, da Temperança, da Sinceridade, da Resignação em face do que é inevitável, da Solidariedade, etc., etc.

Todas essas virtudes não são monopólio de nenhum credo religioso confessional, antes são proclamados por todos êles.

Acima de todos, em importância, há que colocar um postulado de Fé—um postulado, meus senhores, sabemo-lo da lógica, é um princípio que não se demonstra, sendo absurda a própria idéia da sua demonstração. A nossa adesão a um postulado tem razões mais fundas do que o raciocínio. Um postulado moral nasce do mais íntimo da nossa consciência, e nenhum mais necessário nem mais oportuno do que o postulado da Fé. Que Fé! A fé na vida, a fé no progresso moral da espécie, a fé no nosso esforço sincero. Até aqui, mau grado os inegáveis serviços que as Religiões confessionais tem prestado à Civilização, eles tem muitas vezes contribuído para separar os homens, para provocar o ódio e a guerra entre êles. É forçoso reconhecer que as Religiões podem prestar ainda conforto moral a muitas consciências, mas chegou o tempo de pregar e defender alguma cousa que só possa provocar o Amor e a verdadeira Fraternidade entre todos os homens, quaisquer que sejam os seus sentimentos religiosos particulares.

Êsse alguma cousa é uma nova Moral humana, com apoio na Ciência, e naqueles postulados que todos os homens podem aceitar

porque, se são seres normais, os encontram no mais íntimo da sua Alma.

Meus Senhores.

Depois de tudo o que acabo de dizer, em que procurei, rapidamente, expor-vos a minha concepção da educação popular, enquadrando-a nas preocupações sociais do momento presente, já comprehendem, certamente, porque penso ser o problema da educação do povo um dos mais importantes, senão o mais importante, de todos os problemas sociais. Tudo se pode resumir no seguinte: Temos que forjar uma nova humanidade, e o novo homem, o homem de amanhã, não será apenas o animal humano, belo e são, a quem uma nova orgânica social assegurará uma vida material segura e desafogada, livre finalmente de toda a opressão económica e política; será também — será sobretudo — um ser moral e social que tem a consciência do que é, e do que significa na vida universal (tanto quanto o permita o estado da Ciência e da Filosofia) um ser com entusiasmo e fé no progresso da comunidade, e a vontade e a capacidade de lutar por esse progresso. Eis aqui, sinteticamente expresso, o meu ideal de educação do povo.

Resta agora estudar o modo como realizar esta educação. Há aqui numerosos e difíceis problemas a resolver; mas nenhum, a meu ver é de resolução impossível.

O primeiro problema que nos aparece é o seguinte: Tratando-se de adultos, operários ou não, como se vai fazer a sua educação, atendendo que a maior parte do seu tempo será consagrada ao exercício da sua profissão? Será possível comunicar, de um modo eficiente a homens já feitos, e cansados por um dia de trabalho, as aquisições por vezes difíceis e complexas da Ciência, da Moral e da Filosofia?

Seja-me permitido invocar aqui a minha experiência de 40 anos de professorado, e a

que adquiri na Universidade Popular, que fundei há 26 anos, e onde fiz numerosas palestras de vulgarização.

Tenho ensinado nos liceus, nas escolas técnicas elementares e numa escola superior. Pois afirmo, sem a menor hesitação, que nunca encontrei tanta atenção, tão grande e sincero desejo de saber, tão puro anseio de se elevarem pela cultura, como nos ouvintes das minhas lições populares de vulgarização científica.

Afora raras excepções, os estudantes do ensino oficial teem, sobretudo, a preocupação dos exames; o seu ideal é o diploma que lhes há-de dar um lugar rendoso na sociedade. Para ser inteiramente justo, devo dizer que muitos desses alunos (os melhores moralmente) procedem assim, porque a organização oficial do ensino os leva para essa atitude.

Não me seria difícil, provar-lhes, baseado na minha longa experiência, que todo o ensino oficial no nosso país está viciado, de alto abaixo. Falta-lhe um ideal, falta-lhe um ambiente, falta-lhe uma organização científica e harmónica com as necessidades actuais. Mas não é desse ensino que tenho de tratar aqui. O que desejo frisar é que o ensino do povo, como eu o concebo, será inteiramente e profundamente diferente do actual ensino oficial, e que se fôr feito com o verdadeiro espirito que deve ter, poderá contar-se com o mais completo e sincero interesse, e aproveitamento da parte desse mesmo povo.

Espíritos inclinados, facilmente, ao cepticismo, pensarão que é impossível, mesmo contando com o interesse do povo, comunicar-lhe alguma coisa do complexo e vasto conteúdo do conhecimento humano.

Ora é preciso notar que, tratando-se de um ensino inteiramente novo, mas sistemático, e com uma determinada orgânica, teem que ser procuradas e estabelecidas novas didácticas, convenientemente adequadas aos seus objectivos pedagógicos próprios.

Os melhores instrumentos pedagógicos teem

que ser utilizados, os melhores métodos, os mais perfeitos programas?

As aquisições da Ciência teem que ser convenientemente sintetizadas, e ordenadas, de modo que a assimilação das suas linhas gerais, e sobretudo do seu espírito e do seu método, seja perfeita. Deve conduzir-se todo o homem a elaborar uma concepção racional da vida, tão completa quanto possível.

É uma tarefa difícil, sem dúvida. Mas absolutamente necessária, e que tem que ser enfrentada com decisão e coragem. Um dia virá em que as horas de trabalho diário serão suficientemente reduzidas para todos os trabalhadores, de modo que possam dedicar o muito tempo que lhes restar a um saudável descanso, à sua cultura intelectual e física, e ao treino e exercício dos seus direitos e deveres cívicos.

Tenho a minha opinião formada sobre a organização futura que deve ser dada à educação popular. Estudei todos os promenores dessa organização, e tenciono expo-la, um dia, em livro ou em conferências públicas. Neste momento, é-me evidentemente impossível entrar em minúcias, e abordar outros problemas práticos importantes que há que resolver. De resto, não chegou ainda o momento de apresentar planos, ou discutir programas de realização para o futuro político que se aproxima. Hoje, estou aqui apenas para vos expor uma opinião inteiramente pessoal, a respeito de problemas muito gerais e forçosamente vagos e incompletos.

Quero ainda chamar a vossa atenção para o seguinte ponto. A minha concepção da futura educação do povo é coisa essencialmente distinta do que certos políticos e publicistas advogam com o nome de *educação cívica*.

É distinta porque é mais geral e completa.

Sem dúvida, a educação cívica é um elemento indispensável de uma sã *Democracia*. Não se compreende, com efeito, que um homem exerça os seus direitos de cidadania, sem que tenha perfeita consciência do seu lugar e fun-

ção no complexo social, que conheça os deveres e os direitos inerentes a essa função, e que saiba exercê-los e cumpri-los com escrupulosa diligência e eficiência.

O problema das relações entre a educação cívica e a Democracia é um velho problema, que tem sido minuciosamente estudado por políticos e publicistas, e sobre o qual (parece-me) pouco há de novo a acrescentar. Simplesmente, quem não verá que uma educação cívica perfeita, implica, no momento actual, uma educação de carácter geral, tão completa quanto possível, e segundo os moldes e a orientação que vos esbocei?

Com efeito, o perfeito cidadão não é apenas um individuo que, no momento próprio, vai lançar, numa urna, um papel (com os nomes dos seus delegados a uma junta de freguesia ou a um parlamento), delegados escolhidos por motivos quasi só sentimentais e efémeros ou superficiais.

O perfeito cidadão é, primeiro do que tudo, um verdadeiro homem. Sabe qual é o seu lugar na sociedade, e sabe qual é o lugar dessa sociedade entre tódas as sociedades do mundo. Tem uma concepção racional da vida, um ideal que compartilha com todos os seus irmãos-homens. Tem uma cultura intelectual, e uma bagagem de conhecimentos que lhe permite acompanhar a discussão e a resolução de todos os problemas que os seus delegados nos parlamentos vão considerar. Tudo isso significa que o perfeito cidadão é um homem educado, e é por ser um homem educado, que é um perfeito cidadão.

Nestas condições, o cidadão que idealizamos não será mais o homem do povo, humilde e considerado inferior, que delega os seus direitos em homens de outra casta, homens de elite, que olhem para êle com caridade e paternal superioridade.

Não, nada disso; o verdadeiro cidadão do futuro tem que ser um homem como todos os outros, tão verdadeiro e completo quanto possível.

Meus senhores :

Vou terminar. Mas antes quero dirigir dois apêlos. O primeiro, aos homens novos e futuros governantes do meu país, que proventura aqui se encontrem presentes. Quero dizer-lhes que não caiam no tremendo êrro de apoucar a importância da educação do povo. A educação do povo foi sempre um tema rendoso para os políticos, para efeitos de propaganda entre os humildes e os oprimidos. E até aqui, sempre os políticos, todos os políticos, teem falhado quando se encontram em condições de promoverem a sua realização. Porquê? Porque não a encaram com a necessária largueza de vistas, porque a consideram um problema de somenos importância. A futura educação do povo tem de exigir do Estado um esforço tão vasto, e encargos tão grandes como os que, sem hesitações, se consagram a outros sectores da vida social, que não são mais importantes nem mais urgentes, como são a preparação militar, as obras públicas, etc., etc.

Todo o político que não conseguiu ver a necessidade de gastar, todos os anos, com a educação do povo muitas dezenas de milhares de contos, é um político de vistas estreitas, que não compreendeu nem sentiu verdadeiramente o mais fundamental de todos os problemas sociais. Se a obra de educação do povo, tal como eu a delineei (e não sofismada claro está!) não for empreendida em larga escala, com ousadia e ferverosa decisão, tôdas as transformações e reformas políticas e sociais serão vãs, e o seu fracasso, no futuro, será fatal, tão fatal como o foi (nos dias que acabámos há pouco de viver) o fracasso das doutrinas retrógradas e anti-naturais do facismo e do nazismo!

Eu sei, meus senhores, sei muito bem que a vossa tendência, a tendência de todos os políticos é verem nos ideais dos educadores, dos filósofos e dos moralistas, simples fantasias utópicas, fora das verdadeiras realidades. Assim, teem sido acusados de puros idealistas,

de construir nas nuvens, de imaginar repúblicas impossíveis, tão grandes espíritos como Platão, Tomaz Moro, Campanella, Fenelon, Weels, Sanderson, etc., etc. Mas reparai bem como são vãs e ridículas tais injúrias. A utopia (disse-o um grande pensador e artista, um grande e sincero amigo do povo, em frases luminosas e lapidares): «A Utopia é o princípio de todo o progresso; sem os utopistas de outrora, os homens viveriam ainda miseráveis e nus nas cavernas. Foram os utopistas que traçaram as linhas da primeira cidade. Dos sonhos generosos saem as realidades bemfazejas».

Encontram-se entre vós, ó homens das gerações novas, tantos e tão grandes valores intelectuais e morais como talvez há muitas décadas não aparecem no nosso país. Há um numeroso grupo de jovens matemáticos de grande mérito, há físicos e químicos, há médicos, biólogos, agrónomos, naturalistas, etc., que deram já as suas provas de competência no uso dos métodos científicos modernos. Tendes também juristas e economistas, tendes artistas, tendes escritores do mais nobre quilate, e da mais pura inspiração social. Tendes convosco o escol da nação; tendes portanto os melhores elementos para realizardes uma grande obra de ressurgimento do nosso país. Tôdas as esperanças em vós são fundadas. Mas reparai bem! que o amor sincero do povo não deixe nunca o vosso coração. Reparai bem, que todos os êrros dos políticos contra a humanidade se pagam, mais tarde ou mais cedo. É o que mostra a História, ainda que certos espíritos cépticos julgam o contrário. Reparai que 10, 20, 30 anos são apenas um momento, na lenta evolução do homem, e que os políticos, como os educadores, não trabalham apenas para o presente, mas principalmente para o futuro.

O segundo apêlo com que vou terminar, dirijo-o aos operários que me escutam. Lutai pela vossa emancipação económica e politica,

lutai nobremente, com calma, com dignidade, sem ódios, sem violência, e dentro da legalidade.

Mas lembrai-vos que não é tudo, para o verdadeiro homem, ter que comer, que vestir, que calçar e uma casa para abrigo. Um homem não passa de um simples animal, se não tem um ideal moral, que o guie permanentemente. A verdadeira liberdade só se atinge quando se adquire uma suficiente cultura geral (intelectual e moral) e se usa nobremente dela em serviço do ideal.

Tornai-vos *fortes*, em todo o sentido da palavra, para serdes *bons*, e reparai que a vossa educação tem que ser também obra de vós mesmos.

Quanto aos políticos e aos educadores, tendes uma pedra de toque para ajuizardes do seu valor: os maus falam da vossa educação, mas como se fôsse uma migalha de pão que vos atirassem por caridade; os bons pensam que é do seu dever servir-vos como a iguais, e fazem-no com sinceros sentimentos de justiça e fraternidade!